

Entre *Clio* e *Pandora*: ensinar/aprender história com o uso de charges sobre a Covid-19

Between Clio and Pandora: teaching/learning history using charges about Covid-19

Eronilda Resende Feitosa

Mestranda pelo Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UESPI.

Pedro Pio Fontineles Filho

Doutor em História Social pela UFC. Professor do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UESPI. Professor do Programa de Pós-Graduação em História – PPGHB/UFPI. Professor do Curso de História – UESPI/CCM.

Resumo: o presente artigo aborda as interconexões entre o ensinar/aprender História em tempos da Pandemia da Covid-19, apontando os desafios e possibilidades do estudo em “formato remoto” como consequência das medidas de distanciamento social, como estratégia de pensar conceitos historiográficos como tempo, espaço, sujeitos, estado, cultura, política nas aulas. Metodologicamente, o estudo centrou as análises na perspectiva da usabilidade da imagem chargética como veículo para essa presente modalidade de ensino. O percurso teórico-metodológico partiu de leituras que lançam luzes para essa realidade acerca de determinados aspectos do ensino de História com alunos da educação básica e a utilização de imagens como veículo incentivador de melhorias no processo ensino-aprendizagem em tempos do esperado “novo normal”. Tempos de fazeres e vivências virtuais que apontam uma rotina diferenciada e capaz de robustecer aprendizagens e/ou acentuar ainda mais as desigualdades socioculturais.

Palavras-chave: História; Ensino; Pandemia; Charge.

Abstract: this paper intends to approach the connection between teaching/learning History in times of Covid-19 Pandemic, pointing out the challenges and possibilities of the study in “remote way” as a consequence of the social distancing, as strategy of thinking about historiographic concepts like time, space, subjects, estate, culture, politics in classes. Methodologically, this study focused in a perspective of the use of the chargetic image as a way to the current teaching modality. The theoretical-methodological path started from readings which highlight to this reality about some aspects of History teaching with students of basic education and the use of images as an encouraging way of improvement in the process teaching-learning in times of the waited “new normal”. Times of virtual doings and livings that point to a different routine and it’s capable to make learning stronger and/or highlight socio-cultural inequalities even more.

Keywords: History; Teaching; Pandemic; Charge.

Introdução

O historiador que procura alguma coisa numa imagem vai encontrar o que procura, mas não vai ver o que talvez exista nela. Para que isso aconteça, é preciso basicamente esquecer de procurar aquilo que já se conhece. É preciso deixar a imagem falar, é preciso ter confiança na imagem, entender que ela tem algo a dizer, sobre a qual não temos a menor ideia, mas é preciso ao mesmo tempo desconfiar da imagem, porque ela é um artifício, é objeto de manipulação, foi construída, organizada; jamais se pode tomá-la por transparente. Mas essa dupla atitude, de confiar e desconfiar, me parece essencial (DUBOIS, 2003, p. 155).

A Pandemia da Covid-19 trouxe inúmeros impactos na vida social, econômica, política, cultural e educacional em todo o mundo. No tocante à educação formal, entre suspensão de aulas e fechamento de escolas, houve a saída emergencial do ensino remoto ou híbrido, o que desnudou a realidade de desigualdades de acesso e de permanência nas aulas, visto que aspectos foram expostos, como conexão com internet, posse de aparelhos (celulares, tablets, computadores), alimentação na escola (para muitos discentes a merenda escolar era/é a única refeição ou complemento). Mesmo diante disso, bem como inúmeros outros problemas, escolas, professores, alunos e famílias tiveram que se adaptar aos meios digitais.

Nas aulas de História, em nossas tentativas de promover a maior interação com os alunos, resolvemos trazer a temática da Pandemia para o pensar/ensinar/aprender, a partir da História da Saúde e das Doenças, tomando a Covid-19 como pretexto para discutir noções de tempo, espaço, sujeitos históricos, estado, política, sociedade, cultura. Dessa maneira, tomamos a Pandemia como acontecimento histórico mundial, com ressonâncias diferentes nas distintas localidades. Assim, a própria história da Pandemia deve ser estudada e debatida nas aulas de História. Perguntas como: Quando e onde surgiram os primeiros casos da doença? Quando e onde o primeiro registro de morte pela doença? O que é e quando foi fundada a Organização Mundial de Saúde – OMS? O que é e quando foi fundado o Sistema Único de Saúde – SUS? Quando e como as escolas e universidades retomaram suas atividades durante a pandemia? Que outras doenças, ao longo da história, causaram impactos de grandes proporções?

Os questionamentos são quase inesgotáveis. Neste estudo, a utilização da imagem será abordada com ênfase em charges de humor irreverente do meio eletrônico (páginas e sites que apresentam charges sobre a Covid-19), adotados para propor embasamento e suporte nas atividades de leitura e análise dentro das aulas de História, idealizando compreensões entre o tema das aulas e o cotidiano recente de aulas remotas, a fim de evitar maior prejuízo no contínuo processo ensino-aprendizagem de História na educação básica e (re)pensar o tão desejado “novo normal”. Desde o momento em que a Organização Mundial de Saúde – OMS decretou a pandemia, em 11 de março de 2020, centenas de escolas e universidades foram fechadas e a “UNESCO recomendou o recurso a plataformas e programas de ensino a distância, de forma a garantir o ensino remoto e a evitar a descontinuidade da aprendizagem” (SÁ; et al, 2020, p. 11).

Ao contemplar aspectos de enfrentamento da Covid-19, atualmente, percebem-se nas char-

ges as (im)possibilidades de promover dialogicidade por meio do lúdico e do riso, despertando nos discentes questionamentos e atitudes de enfrentamento às dificuldades impostas pela doença supracitada. A importância cognitiva das imagens foi percebida a partir do século XIX, com a História da Arte e quando a Escola de Annales mudou o conceito de documento histórico. Com a nova História, o historiador passou a utilizar diferentes temas imagéticos em suas reflexões. Com o constante emprego das imagens nas aulas de História é preciso saber indagar a iconografia e delas escutar respostas. Como a imagem em suas inúmeras possibilidades vem sendo utilizada desde o Período Paleolítico, nas Pinturas Rupestres é favorável recorrer a elas para referenciar o pretérito nos dias atuais, especialmente entre os jovens dentro do ambiente escolar virtual. Não quaisquer imagens, mas, sobretudo àquelas relacionadas à cultura digital tão difundida em nossa sociedade com o advento das redes sociais e sua intensificada utilização durante o período pandêmico.

Neste espaço de tempo por várias vezes foi possível um vagar por ruas com pouco ou nenhum movimento, solidão assoladora para uma atualidade tão frenética. As notícias na televisão e no rádio quase todas em torno do mesmo assunto. Produtos em escassez ou com valor majorado nos supermercados. Estabelecimentos de ensino fechados. Espaços de lazer fechados. Comércio fechado. Pessoas desempregadas. Hospitais superlotados. Famílias separadas. Vidas perdidas!

Acontecimentos como estes traçam o que o mundo tem vivenciado, em maior ou menor escala, desde o início do ano de 2020, em decorrência da Pandemia da Covid-19. Para os historiadores, um dos maiores desafios é saber lidar com as inúmeras expressões e manifestações que a crise sanitária e epidemiológica criou. As principais categorias de estudo da História, notadamente o tempo, o espaço e o sujeito, assumiram novos significados. Os espaços públicos e privados se confundem, pois o *home office*, por exemplo, uniu o trabalho, o estudo e o lar. O tempo seja cronológico ou da subjetividade se diluiu ainda mais, provocando temporalidades múltiplas e singulares. O sujeito, em suas manifestações entre o individual e o coletivo está imerso naquilo que se pensa no dilema do cuidado próprio e do outro. Nesse sentido, é papel do historiador refletir sobre tais acontecimentos e, a partir deles, problematizar, no intuito de pensar a realidade e construir o saber histórico e historiográfico.

Este trabalho pretende apontar uma reflexão com abordagens sobre como professores e alunos vivenciaram e ainda vivenciam a Pandemia da Covid-19 desde o início do ano 2020, bem como os desafios frente ao isolamento social, a atenção para intensificação nas questões de higiene pessoal e a utilização de E.P.I's (Equipamentos de Proteção Individual) permanentes como a máscara. Com isso, a sociedade foi forçada a adotar comportamentos atípicos, como: não cumprimentar amigos e conhecidos com apertos de mão, e muito menos com abraços demorados.

Ao averiguar subsídios para este trabalho, foram vistas páginas específicas de Sites de pesquisa em jornais e portais sobre Charges como, por exemplo: *Portal do Professor* (Leitura e análise de Charges); *Tribuna Online*; *Portal tempo Novo*; *Portal O Popular*; *Realidade Piauí* e o *Portal OitoMeia*, além de materiais sobre a virose citada em sites do governo brasileiro que estão mais atualizadas e por serem as mais utilizadas em trabalhos com essa temática. Objetivando assim,

“um compreender” das representações sociais históricas da Covid-19 por meio das charges em 2020, e que essas possam fomentar e valorizar os hábitos inseridos na cultura juvenil, entendendo que as charges não são itens desconhecidos, e podem ser tratadas com humor e irreverência com o propósito de tornar o estudo possível, mesmo em meio às adversidades trazidas pelo Coronavírus.

Com a intenção de melhor definir o presente artigo, foi relevante uma atenção a teorias anteriores que comentam um percurso de abordagens e dialogam com a temática, especificando as (im)possibilidades apresentadas como viés para as análises aqui pretendidas.

Charge: imagem como espaço de sensibilização e de ensino-aprendizagem

A ideia de imagem e sua usabilidade por muito tempo não serviu ou não era aceita pelos estudiosos como fonte histórica, apesar das evidências de que desde os primeiros relatos sobre o ser humano na Antiguidade, segundo a Arte-educadora e artista visual Laura Aidar, a imagem tenha permeado o existir humano, conectando a construção dos sentimentos e suas pluralidades nas diversidades e porque não, adversidades pelas quais tem feito tantas (re)modelagens nos seres humanos. Sendo que, o caráter imagético exerce sobre homens e mulheres expressivo poder, pode-se tornar viável problematizar a utilização de imagens selecionadas de domínio público e virtual nas aulas de História do Ensino Médio para que aprendizagens e experiências já construídas em seu dia a dia possam agregar maior afinidade com temas voltados a identidade desses jovens.

O lastro teórico e historiográfico no qual o presente trabalho está inserido remete a algumas linhas teórico-metodológicas: a) História e Imagens, por tomar as Charges como fonte de estudo e análises; b) História e Ensino de História, por refletir sobre os usos das Charges como ferramentas de ensino-aprendizagem e fios para a problematização da História; c) História e saúde, por abordar a pandemia da Covid-19 como tema capaz de ser trabalhado em debates de prevenção e esclarecimentos nas aulas de História.

A imagem é uma daquelas coisas da existência humana que fascina, desperta escandaliza, (de)forma, aguça sentidos. Complicado será, numa exposição descritiva, compreender tantos sentimentos. É bem notório que formas, cores e fortes contrastes intensifiquem sentidos variados dependendo do espaço e da sensibilidade de cada pessoa. Ela invade e faz-se imponente desde o “homem das cavernas” e as pistas que podem assinalar que de fato ele esteve em uma Era bem distante dessa, principalmente com a ascensão da alta tecnologia nos dias atuais, contudo sempre aqui, como reforça Alberto Manguel:

Toda imagem é um mundo, um retrato cujo modelo apareceu em uma visão sublime, banhada de luz, facultada por uma voz interior, posta a nu por um dedo celestial que aponta no passado de uma vida inteira, para as próprias fontes da expressão. Nossas imagens mais antigas são simples linhas e cores borradas. (...) riscamos traços ou estampamos a palma das mãos nas paredes de nossas cavernas para assinalar nossa presença, para preencher um espaço vazio, para comunicar uma memória ou um aviso, para sermos humanos pela

primeira vez (MANGUEL, 2001, p.29-30).

Assim, na esteira do que defende Peter Burke (2016), as imagens, em sua pluralidade, são elementos que permitem ao historiador perceber indícios e evidências históricos. As imagens são produtos de temporalidades e espacialidades em que sujeitos de grupos sociais diferentes manifestam seus interesses, ideologias, representações e práticas. Por tal pressuposto, as charges são aqui tomadas como elementos dessa expressão social e histórica, com possibilidades várias para o ensino de História.

É convincente que o uso da imagem no processo ensino-aprendizagem tenha sua importância e construa um arcabouço de idealizações para corroborar a efetividade qualitativa desse processo, salientando que em tempos contemporâneos, de intensa criatividade e/ou (des)informação, o imagético seja abordado como um dos aspectos importantes do ensinar-aprender. Para essa questão, Crislane Barbosa Azevedo assevera que

Os procedimentos didáticos remontam ao contexto da sala de aula e tomam como base a necessidade de levar o aluno a um processo de transformações tendo em vista o seu aperfeiçoamento seja em termos morais, intelectuais ou físicos. O professor é detentor de mensagens que serão trabalhadas em sala de aula mediante a materialização dos seus princípios e execução de procedimentos teóricos e metodológicos. [...] Dessa forma é que, no exercício do planejamento, o professor necessita lançar mão de ações que se interligam na prática docente: decidir, prever, selecionar, escolher, organizar, avaliar, refletir sobre o processo antes, durante e depois da ação concluída. [...] Planejar requer, por isso, que o professor pense o fazer didático-pedagógico como uma atitude científica. Pensar a aula cientificamente, tendo em vista o significado e os fins a que devem (AZEVEDO, 2013, p. 06).

As aulas de História com os jovens de Ensino Médio são uma oportunidade, dentro do planejamento, de perceber que os discentes vêm tentando alcançar o conhecimento, talvez de uma maneira própria dessa nossa geração, mas não só isso. Eles alimentam sonhos e objetivos dos mais variados temas e proporções. É visto que uma compreensão das causas e possíveis consequências sobre muitos assuntos como política, doença-saúde, questões ambientais, para muitos deles não seja algo tão buscado, devido ao envolvimento com tantos outros assuntos, como: expectativas de relacionamento amoroso, família, trabalho e diversas outras questões.

Os discentes, que em dias mais recentes, devido à Pandemia da Covid-19 foram ainda mais sugados pelos aparelhos digitais, devem ser incentivados a refletir sobre a *Cultura Digital* por intermédio do emprego das imagens tão presentes em seus cotidianos, a fim de sentirem-se motivados a fomentar o sentimento de pertença ao ambiente escolar. Também possibilitar qual o nível de conhecimento dos discentes sobre contextos de contemporaneidade e das características sobre a história da Pandemia e suas consequências para o Estado do Piauí, no caso bem mais prudente que sejam de sua cidade e adjacências. Convém ressaltar que docentes de outras áreas no ambiente escolar possam ser persuadidos a conectar aos saberes afins, abordagens sobre este tema com a utilização das charges como ferramenta enriquecedora dos seus respectivos conteú-

dos, promovendo aportes interdisciplinares dentro do ambiente escolar.

Uma atividade que pode reverberar com o tema pode ser uma avaliação diagnóstica sobre o quanto os discentes sabem a respeito do tema, onde encontram as informações e uma votação para escolha das Charges que serão sugeridas anteriormente sobre o assunto proposto. Para isso um formulário *Google Forms* serve para encaminhar algumas questões e também uma entrevista na plataforma do *Google Meet*. Uma pesquisa-ação sobre as Charges escolhidas que devem contemplar breves reflexões com leitura e análise do Artigo “Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade” (*e book* gratuito), publicado em 27 de março de 2020, de Yuval Noah Harari, (Cia. Das Letras). Esse historiador israelense analisa aqui a situação global da pandemia da Covid-19 e defende a importância da cooperação entre povos para o enfrentamento de situações como essa pandemia, mesmo em tempos de isolamento. Esse *e-book*, que é a tradução do artigo publicado originalmente na revista *Time*, é um texto curtinho, gratuito. Esse material pode fomentar uma ativa colaboração entre participantes no ambiente escolar em busca de soluções que possam valorizar ações capazes de favorecer a boa aprendizagem, mesmo em meio a tantos desafios.

Sendo assim, cabe aos professores desenvolver táticas que os conectem ao processo de aprendizagem, promovendo situações que se adequem à *cultura juvenil* atual. Convém então mencionar o uso de imagens, pois como bem aborda Eduardo França Paiva:

[...] a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente. E é por isso que ela não se esgota em si. Por meia dela, a partir dela e tomando-a em comparação é possível ao historiador e ao professor a análise de outros temas, em contextos diversos (PAIVA, 2006, p.1 9).

Não se encerrando em si, imagens atrativas como as Charges sobre o assunto pretendido podem favorecer essa pesquisa. Considerando que essa prática pode propor inovações, apesar de não ser inédita, é salutar uma compreensão da Charge como um gênero atual e em conexão com o processo histórico na sociedade presente.

O uso de imagens conforme Luciene Lehmkuhl aponta que “qualquer objeto de estudo, qualquer temporalidade, qualquer problemática e qualquer período são passíveis de abordagens por meio de imagens” (LEHMKUHL, 2006, p. 55), porém há que se ponderar sobre o recorte para que as ideias se conectem e evitem confundir as metas do trabalho almejado, pois o trabalho atual pode ser desmotivante e clichê por está repleto de comentários e informações.

História, charges e (im)possibilidades na atualidade: “novo normal”

A História, e o próprio Ensino de História, não podem ficar alheias aos acontecimentos em diferentes temporalidades e espacialidades. Tem sido recorrente, nas diferentes mídias, nas rodas de conversa, no cotidiano, a utilização de expressões como: “não veja a hora”; “muito tempo”; “pouco tempo”; “novo normal”. Tais expressões indicam as experimentações dos sujeitos com o tempo e com o espaço. A ideia de “normalidade” remete, em boa medida, ao desejo de

retorno temporal, aquele anterior ao início da Pandemia da Covid-19. Assim, presente, passado e futuro se cruzam no espaço mesclado de experiências e de horizontes de expectativa, como propões Koselleck (2006).

No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado, pelo Ministério da Saúde, no dia 26 de fevereiro de 2020. Naquele mesmo dia, o chargista Izânio retratou a “onda” chegando ao país, enquanto o Presidente surfava despreocupadamente, sem dar a devida atenção ao perigo que assolaria o Brasil. Desde então, os números só aumentaram de forma assustadora. No momento da finalização deste texto, o país contava com 428.256 óbitos e 15.361.686 casos, segundo informações do Consórcio de Veículos de Imprensa, disponíveis no Portal G1.Globo, em 12 de maio de 2021.

Charge 01: Coronavírus chega ao Brasil



Fonte: <<https://www.oitomeia.com.br/colunas/charge-do-izanio/2020/02/26/coronavirus-chega-ao-brasil/>>

Essa onda só ganhou mais força, sobretudo em razão da cultura negacionista, promovendo “respostas fragmentadas, em vários países, e a obsessão por ‘balas mágicas’, de alguns governantes desinformados e oportunistas, interessados em encontrar um paliativo e, sobretudo, sobreviver politicamente” (CUETO, 2020, p. 248). No Brasil, a hidroxiquina foi, de certa forma, a bala mágica para alguns líderes políticos, inclusive no executivo federal.

No Piauí, quase um mês após a confirmação do primeiro caso no país, havia um certo pensamento de que a doença não se disseminaria pelos outros estados. O próprio governo federal, por desconsiderar a gravidade da doença pelo mundo, não tomou providências antecipadas que pudessem alertar os estados e municípios. Isso, em parte, justificaria o ar de descrença da chegada do vírus em todo o território nacional. A charge a seguir expressa um pouco dessa visão de imunidade e resistência.

Charge 02: Piauí X Pandemia



Fonte: <<https://www.oitomeia.com.br/colunas/charge-do-izanio/2020/03/18/piaui-x-pandemia/>>

No início da Pandemia, era comum considerar que o avanço do vírus era algo muito distante, que estava somente na Europa e na Ásia. A charge de Izânio, publicada no dia 18 de março de 2020, representa, em certa medida, a ideia de que a Pandemia não atingiria estados fora do eixo sul-sudeste. Tal crença pairava no Piauí, retratado como um herói resistente e intocável pelo coronavírus. No dia em que a charge foi publicada, não havia nenhum caso confirmado da doença. No dia seguinte, em 19 de março de 2021, a Secretaria de Estado da Saúde – SESAPI, confirmou a existência de 03 casos. No dia 12 de maio de 2021, conforme dados da SESAPI, o estado já contabilizava 5.447 óbitos e 254.270 casos confirmados.

Charge 03: Covid-19 Teresina-PI



Fonte: <<https://www.oitomeia.com.br/colunas/charge-do-izanio/2020/04/13/covid-19-teresina-pi/>>

Na charge do dia 13 de abril de 2020, Izânio demonstra os esforços iniciais dos poderes públicos municipal e estadual, Teresina e Piauí, nas figuras de Firmino Filho e Wellington Dias, em conter a Pandemia, que já dava fortes sinais de uma catástrofe na capital. A imagem chama atenção para a dimensão política, sobretudo lançando a possibilidade de crítica em relação às ações pouco efetivas para evitar a onda da doença. Nesse sentido, o historiador deve compreender que

O uso político de imagens não deve ser reduzido a tentativas de manipulação da opinião pública. Entre a invenção do jornal e a invenção da televisão, caricaturas e desenhos, por exemplo, ofereceram uma contribuição fundamental ao debate político, desmistificando o poder e incentivando o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos do Estado (BURKE, 2017, p. 121).

Esse é um dos objetivos das charges: despertar a atenção e o envolvimento de pessoas que, por razões várias, não têm acesso a informações mais aprofundadas sobre questões políticas. As charges, como muitas outras modalidades de imagens, “realizaram tais tarefas mostrando assuntos controversos de uma maneira simples, concreta e notável e representando os principais atores no palco político como mortais não heroicos e passíveis de cometer erros” (BURKE, 2017, p. 121).

A política, traduzida por meio das charges, contribui para a compreensão histórico-social de que a saúde e as doenças são de interesse de diferentes agentes e sujeitos. Isso leva ao entendimento de que

Epidemias são eventos trágicos. A redução de seus efeitos, sobretudo coletivos, é a grande preocupação das sociedades e seu enfrentamento mobiliza muitos atores sociais, instituições, públicas e privadas, profissionais e tecnologias sociais. O sucesso no confronto tem relação com a gravidade da situação social e sanitária, mas também com a capacidade de os governos mobilizarem comunidades e instituições de maneira articulada. A tarefa, entre outras coisas, exige coerência e articulação ao enfrentamento do problema (PAIVA; TEIXEIRA; PIRES-ALVES, 2020, p. 282).

Em esfera municipal e estadual, coerência e articulação oscilaram, em especial no que tange aos inúmeros decretos publicados pelo Governo do Estado do Piauí e pelas prefeituras municipais, que conflitavam em seus protocolos. Isso se tornou muito mais evidente, quando observadas as atitudes do Governo Federal, que não propôs uma política coordenada e articulada, que conduzisse estados e municípios no enfrentamento eficaz da Pandemia.

Por esse viés, a charge é um valioso instrumento para o ensino de História, visto que apresenta um linguajar imagético mais acessível a um grupo mais amplo de pessoas, de diferentes segmentos sociais. O tema político, que, em geral, não atrai atenção ou engajamento da maioria de alunos, e talvez professores, consegue ser mais consumido por esse público, em decorrência do poder instigante das imagens.

Na charge de Aziz, publicada no dia 13 de fevereiro de 2021, o debate político é represen-

tado, trazendo o poder público federal brasileiro, simbolizando a figura de Jair Bolsonaro, por meio das políticas públicas de auxílio à população.

Charge 04: Mal-auxílio, Bem-auxílio



Fonte: <<https://atarde.uol.com.br/charges/2954-aziz->>>

Na charge acima, está representada a política do poder executivo relativa às ações de auxílio a milhões de brasileiros que foram impactados pela Pandemia da Covid-19. Os índices de desemprego aumentaram, visto que diferentes áreas da economia e dos setores produtivos sofreram cortes em escala mundial. Após pressões dos partidos de oposição, e principalmente de esquerda, o poder executivo federal concedeu auxílio emergencial em 2020, mas relutou o quanto pôde em retomar o pagamento do auxílio. Tal relutância é expressa pelo chargista, em que o poder de decisão questiona se o auxílio é “bem” ou “mal”. Enquanto mais e mais pessoas morrem não somente pela doença, mas pela fome, o poder executivo federal desconsidera a gravidade da realidade.

Situação essa que, infelizmente, alcançou muitos dos alunos, sobretudo das redes públicas estaduais e municipais. Ao levar essa charge para o debate em sala de aula, é possível despertar no alunado as discussões sobre os conceitos de políticas públicas, cidadania, direito, dever, assistência social, que são importantes para a construção, inclusive, da consciência histórico-social. Isso é indispensável no Ensino de História, haja vista que a consciência histórica é aquilo que

[...] todo agente racional humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência. Ela inclui dois elementos constitutivos: o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo. A constituição da Consciência Histórica é um momento lógico da operação do pensamento histórico e está imersa no ambiente abrangente da cultura histórica. Cultura histórica é o “acervo” dos sentidos constituídos pela consciência histórica humana ao longo do tempo. A consciência histórica precisa da memória – individual e coletiva – como referência dos conteúdos (MARTINS, 2019, p. 55).

É nesse limiar entre a memória coletiva e individual que as charges também podem atuar como elemento de aprendizagem e de discussão nas aulas de História. Na constituição de tais memórias, há inúmeros condicionantes: discursos, conversas, leituras, imagens, notícias, relatos, sons, cheiros, rituais. Na memória coletiva da maioria dos brasileiros consta as imagens da transmissão da primeira pessoa a tomar a vacina contra a Covid-19 no Brasil. A enfermeira Mônica Calazans foi vacinada na cidade de São Paulo, no dia 17 de janeiro de 2021, após o anúncio da autorização, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, para o uso emergencial da vacina CoronaVac, do Instituto Butantan¹ e da SinoVac².

Nos embates da memória, não se pode esquecer dos impactos dos discursos, narrativas e informações. Para a História, isso é importante, pois incide sobre os meandros da “verdade”. No ano de 2020, no que concerne à Pandemia da Covid-19, houve a intensificação de *Fake News* e de posturas negacionistas, sobretudo em relação à vacina contra o coronavírus. Um exemplo disso, dentre muitos, está a fala do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que, em entrevista coletiva do dia 17 de dezembro de 2020, afirmou que “não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu” (BOLSONARO, 2020), referindo-se às vacinas, particularmente da Pfizer/BioNtec. Esse tipo de conduta e de discurso, oriundo do maior representante do poder executivo brasileiro, tem gerado, no seio de parcela significativa da população, desconfiança e descrédito não somente contra a vacina, mas contra a própria Ciência.

Por esse diapasão, é inerente ao ofício do historiador-professor a discussão sobre a verdade, consciente de que

[...] o historiador não tem a pretensão de oferecer uma verdade absoluta, mas trava, a partir de seu trabalho, o compromisso com a verdade. Trata-se da ética profissional, que diz respeito ao cumprimento das regras do ofício: análise e crítica das fontes, discussão com a bibliografia, indicação das provas documentais (FERREIRA; FRANCO, 2013, p. 98).

Nesse sentido, o historiador, em especial no que concerne à sala de aula deve levar o debate sobre a construção, reconstrução e desconstrução da verdade. O professor de História precisa levar para suas aulas diferentes fontes e documentos, com diferentes olhares e abordagens, para que os discentes possam compreender as disputas políticas, econômicas, sociais e culturais acerca da verdade.

Nesse aspecto, a charge de Cazo, compondo a seção “Dúvidas”, representa a repercussão do falseamento da verdade e como isso gera replicação em uma parcela significativa da população. Tal disseminação de informações equivocadas promove, em um trágico efeito, a construção e divulgação de *Fake News*.

1. O Instituto Butantan foi fundado em 23 de fevereiro de 1901, na cidade São Paulo, ligado à Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Realiza inúmeras pesquisas biológicas. O instituto produz a maioria das vacinas fornecidas pelo Ministério da Saúde, no Programa Nacional de Imunização – PNI.

2. A SinoVac Biotech, fundada em 1999, é uma empresa de pesquisa biofarmacêutica, localizada na China, que produz vacinas contra doenças infecciosas.

Charge 05: Dose, duas doses, dúvidas, jacaré, vacina.



Fonte: <<https://www.humorpolitico.com.br/?s=d%C3%BAvidas>>

Essa esfera de desconfiança foi fomentada pela falta de concordância e articulação entre os agentes estaduais e municipais, bem como destes com o poder público federal. O país tem sofrido com as incertezas, pois “o cenário de indefinição e a falta de sincronia entre os entes federativos das estatísticas configura um empecilho para dimensionar o tamanho da pandemia” (OLIVEIRA, 2020, p. 314). Isso contribuiu para disputas judiciais, com uma “corrida” de decretos e medidas tomadas por grupos sem a devida orientação. A desinformação, decorrente disso, cria um impacto ainda não vislumbrado ou mensurado.

Assim, propiciar atividades nas aulas de História por meio recursos como as charges, requer que os aspectos sobre a realidade pandêmica na comunidade de docentes e discentes (re)construam reflexões com maior vigor para com os cuidados que os jovens podem ter em termos de informação séria e prevenção adequada, pois percebe-se uma espécie de rechaçamento a fatos importantes sobre o entendimento de causas e reais consequências da comunidade local, assim como em termos nacionais, visto que muitas autoridades políticas e alguns intelectuais têm simplificado a virose, o que incentiva atitudes negativas especialmente nos jovens. Em Marlon Ferreira dos Reis constitui-se a seguinte comprovação:

No cenário atual, a televisão e, ainda mais, a internet propiciaram novas formas e caminhos para que haja a disseminação de falácias e opiniões propositalmente controversas. Tais negacionismos fazem parte de um modo de pensar que se apresenta de forma mais complexa do que a simples adjetivação de “estúpido” pode abarcar (...). Muitos políticos e influenciadores se inserem nessa realidade de analfabetismo científico de forma desonesta ou ignorante, a fim de se utilizarem de parte significativa da população para seus próprios objetivos pessoais. Pondo em termos atuais, a COVID-19, por exemplo, está mostrando como é árduo os cientistas dialogarem e conscientizarem a população e os representantes políticos. Fato que expressa como o caminho ideal da

conversação entre essas esferas parece estar em um horizonte distante (REIS, 2020, p. 4-5).

Há uma urgência de que as pessoas não deixem aflorar incertezas num período que requer mais que discursos, ainda mais do nível de elites que nunca terão a intenção de perder “valores pessoais” em prol do outro, mesmo que esse outro seja alguém integrante de seus negócios de seus interesses e que bem antes desse caos todo, estudos e abordagens sobre possibilidades do tema já preocupava os intelectuais.

Com a confirmação da teoria microbiológica e com o conseqüente desenvolvimento de ações imunológicas e profiláticas, grande avanço científico ocorreu na luta contra as infecções, ocasionando brusca queda no número de casos em todo mundo, o que gerou mudança do paradigma de ações preventivas (no meio ambiente) para corretivas (medicamentos e vacinação). Entretanto, em meados do século XX, um processo de resistência abalou a concepção microbiana e fomentou reflexões e discussões preventivas no tocante à conservação ambiental como condição *sine qua non* para a mitigação de doenças, com as questões de saneamento caracterizando os determinantes ambientais em saúde (HELLER, 1998, *Apud* SILVA et al, 2006, p. 174).

Neste contexto, é evidente que a humanidade caminha para situações semelhantes. O futuro que se aproxima não estará permeado apenas pelo processo de globalização em si, mas por fatos como o aumento da população, poluição e outros problemas são advindos do sistema em que esta se insere no tempo e no espaço. Querer o bem da Raça humana para muitos dos grandes líderes dessa Era não é meta, pois “A lógica da privatização do conhecimento legitima-se pela capacidade de venda daquilo que o conhecimento pode gerar em termos de lucro e de poder” (OLIVEIRA, 2008, *Apud* SILVA et al, 2006, p. 177).

Pensar um contexto social em que a população tenha acesso a melhores condições de vida pode ser a grande chave para evitar mais catástrofes no ambiente e conseqüentemente nos seres vivos, inclusive o próprio humano, participante do conhecimento e muitas vezes, ciente de suas reais (im)possibilidades na contemporaneidade nesse processo onde “O desafio de tratar a saúde do indivíduo e não a doença, é decorrente de uma nova forma de interpretar a realidade” (SILVA et al, 2006, p. 185).

Outro ponto que requer ênfase é, expor esse momento como visto e analisado sob as perspectivas da História. Admissível é entender essa Pandemia em seus sistemas e transdisciplinaridades, estabelecendo as causas e as conseqüências nos ambientes naturais e sociais. *Diário da Pandemia*, lançado em 2020, sob a organização de Dominich Miranda de Sá, Gisele Sanglard et al, pode avivar uma arguição quando aborda relatos cotidianos de historiadores sobre a pandemia do Corona vírus com olhares que pensam e questionam os impactos da crise dentro e fora do Brasil com vários temas, como: condição higiênica, biomedicina, meio ambiente, saúde pública, cuidados e cura, entre outros assuntos urgentes e caros para o mundo de hoje. Uma sugestiva interpelação de como (re) aprender métodos para passar pelo sofrimento com expectativas de dias melhores para si e para o planeta Terra.

É fundamental lembrar que a utilização de imagens, sobretudo no ensino de História, pode ser alicerçada em conformidade com a realidade local e temporal da comunidade escolar, onde as reflexões teóricas devem lançar luzes para refletir sobre as fontes e apontar percursos metodológicos adequados a um tempo de dificuldades robustecido pela pandemia da Covid-19. Nesse sentido, não se pode falar em metodologia sem, (re)pensar os aspectos da vivência dos alunos e alunas na escola pública, principalmente.

Cada momento desse trabalho e sua possível intenção e aplicabilidade transcorre para as (im)possibilidades de abordagem qualitativa a fim de contemplar o caráter emocional, intelectual e social do público-alvo (discentes do ensino Médio de Capitão de Campos-PI). E terá também possibilidade exploratória (permite que alunos e alunas participem de uma atividade diagnóstica sobre o que já sabem sobre a temática pesquisada).

Aspectos sobre o avanço da Pandemia e o incerto presente/futuro são assuntos que, mesmo diante de tanta informação, são o tempo inteiro bombardeado por um conhecimento repassado muitas vezes em forma de *Fake News* pela Internet. Segundo Integrantes do Programa de Formação de Professores da USP: Sonia Kruppa (professora da Feusp), Fernando Mendonça, Kleber Galvão de Siqueira Junior, Mariana Camargo Simão e Marina Braguini Maganotte (estudantes pós-graduandos da USP e bolsistas do Programa de Formação de Professores) no texto *Educação na Pandemia* (2020), “A internet é parte de uma revolução tecnológica, que vem mudando as estruturas produtivas, desde meados do século XX. O momento de isolamento social da Covid-19 agrava, para o bem e para o mal, as suas consequências”, corroborando com o fato de que há informação séria, mas muito sensacionalismo e que traz terror às pessoas ou gera um negacionismo naturalizando os perigos que a virose expõe a todas as pessoas, principalmente os mais vulneráveis, como os idosos.

Como forma de relacionar as Charges com ações e políticas do poder público no combate à Pandemia, também serão analisados os Decretos, Leis, Portarias e Protocolos estaduais. Nesse âmbito, cabe pontuar que foram expedidos tais documentos oficiais, com um total de 60 (sessenta), desde março de 2020 até janeiro de 2021, período do interstício da presente pesquisa. Todos esses documentos já foram catalogados e estão disponíveis no site oficial do Governo do Estado do Piauí.

O ensino de História na educação básica “no hoje” clama por mais interatividade e criatividade. O mesmo pode ser ofertado com humor e criticidade, mesmo perante a todos os desafios que nos circundam. Refletir histórias com imagens adequadas e portanto, citar a charge, pode enriquecer de forma mais agradável o ensinar/aprender nessa difícil temporalidade: o presente e suas (im)possíveis nuances.

Considerações finais

Quantos desafios temos pela frente! Histórias? Ensino? Pandemia? Apenas (im)possibilidades. Ainda há muito para se refletir sobre o envelhecido “novo normal”. No ensinar História, o docente deve sempre amparar-se em recursos que possam entrelaçar o conhecimento científico ao cotidiano, tornando-o significativo para os estudantes e porque não, professores! Nesse sen-

tido, a proposta da charge como instrumento de mediação surge, uma vez que esta, através de manifestações escritas e visuais, traz representações da realidade social, tornando-se um recurso instigante, crítico e questionador que, através do humor, lança ao conhecimento olhares outros aos propósitos de divulgar e ensinar História.

O processo ensino-aprendizagem nas aulas de História nesse “novo normal” devido a adversidades atuais, impossibilita ainda mais o conhecimento. Contudo, graças aos novos mecanismos de comunicação digital, a charge (assim como os memes, cartuns, quadrinhos) possibilita que o conhecimento, de forma dinâmica e conectada, se faça pertencer ao universo dos discentes.

Por fim, um retorno para ainda assim, encontrar resultados dentro dos infundáveis desafios. Que experiências podem ser narradas referentes ao ensino de História nesse período pandêmico? Que sentimentos perpassam às mentes impregnadas do caos advindos com o surto da letal Covid-19? Nesse momento, respostas distanciam-se ainda dessa hora presente. Incertezas, informações distorcidas pelas tão comuns redes sociais de cada dia, negação... Apenas se é pensável de que as (im)possibilidades vem ao encontro do que outrora foi denominado de ensino regular das aulas normais de um ano letivo. Mas, tudo está diferente, meio fora de lugar, por isso urgentes aprendizagens para docentes e discentes foram impostas nesse patamar de dor, medo e sofrimento.

Contudo foi-se em frente como sempre, rumo ao assustador futuro, fruto de um presente que teima em não ser passado. Encontrar no alento das (im)possibilidades a urgência que nos permite agir para promover melhorias não só no ensino-aprendizagem, mas consequentemente na prática da cidadania, seus espaços e no exercício da alteridade que podem nos deslocar para diferentes lugares e temporalidades preenchendo o nosso lugar e o do outro com ponderação e empatia.

É nas reflexões entre os domínios de *Clio* e de *Pandora*, que o ensino de História pode utilizar a pandemia como estratégia catalisadora de debates múltiplos sobre, não apenas sobre doenças, mas sobre o Homem e sua relação com o tempo e o espaço. Lancemo-nos nesse ínfimo presente e façamos das (im)possibilidades, o real sentido de ensinar/aprender nesse “novo normal”.

Referências

Bibliográficas

AZEVEDO, Crislane Barbosa. Planejamento docente na aula de história: princípios e procedimentos teórico-metodológicos. *Revista Metáfora Educacional* – versão on-line, n. 14 (jan. – jun. 2013), Feira de Santana – BA (Brasil), jun./2013. p. 03-28.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre significações do cômico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: EDUNESP, 2017.

CUETO, Marcos. A cultura da sobrevivência, as epidemias e a história na América Latina. In: SÁ, D. Miranda de; SANGLARD, G; HOCHMAN, G; KODAMA, K. *Diário da Pandemia: o olhar dos Historiadores*. São Paulo: Hucitec Editora, 2020, p. 242-254.

DUBOIS, Philippe. Entrevista concedida a Marieta de Moraes Ferreira e Mônica Almeida Kornis. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 34, jul/dez, 2003, p. 139-156.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. *Aprendendo História: reflexão e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

HARARI, Y. N. *Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KOSELLECK, Reinhard. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUCRio, 2006.

KRUPPA, S. M; MENDONÇA, F; JUNIOR, K.G. S; SIMÃO, M. C; MANGANOTTE, M. B. *Educação na Pandemia*. Programa de Formação de Professores da USP, 2020.

LEHMKUHL, Luciene. Fazer História com Imagens. In: *História e Imagens: textos visuais e práticas de leitura* / Kátia Rodrigues Paranhos, Luciene Lehmkuhl, Adalberto Paranhos, (Orgs.). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência Histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coords.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p. 55-65.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.

OLIVEIRA, Thyanne Lopes de. Quando as doenças viram números: as estatísticas da Covid-19. In: SÁ, D. Miranda de; SANGLARD, G; HOCHMAN, G; KODAMA, K. *Diário da Pandemia: o olhar dos Historiadores*. São Paulo: Hucitec Editora, 2020, p. 308-319.

PAIVA, Carlos Henrique; TEIXEIRA, Luiz Antonio; PIRES-ALVES, Fernando. O Sistema Único de Saúde e o desafio da Covid-19. In: SÁ, D. Miranda de; SANGLARD, G; HOCHMAN, G; KODAMA, K. *Diário da Pandemia: o olhar dos Historiadores*. São Paulo: Hucitec Editora, 2020, p. 282-286.

PAIVA, Eduardo França. *História & imagens*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REIS, Marlon Ferreira dos. O que a COVID-19 tem a dizer aos historiadores? Uma breve reflexão sobre o presente e o futuro historiográfico. In: *Trilhas da História*, v. 10, n. 18, jan.-jul., ano 2020, ISSN 2238-1651, p. 119-137.

SÁ, D. Miranda de; SANGLARD, G; HOCHMAN, G; KODAMA, K. *Diário da Pandemia: o olhar dos Historiadores*. São Paulo: Hucitec Editora, 2020.

SILVA, E. de Santana; LINS, G. Aveiro; CASTRO, E. M. N. Vieira de. Historicidade e olhares sobre o processo saúde-doença: uma nova percepção. In: *Revista SUSTINERE*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 171-186, jul-dez, 2016.

Charges

Izânio ilustra Coronavírus chega ao Brasil (26/02/2020). Acesso em: 19/02/2021. Disponível em: <<https://www.oitomeia.com.br/colunas/charge-do-izanio/2020/02/26/coronavirus-chega-ao-brasil/>>

Izânio ilustra Piauí x pandemia. (18/03/2020). Acesso em: 19/02/2021. Disponível em: <<https://www.oitomeia.com.br/colunas/charge-do-izanio/2020/03/18/piaui-x-pandemia/>>

Izânio ilustra Covid-19 Teresina-PI (13/04/2020). Acesso em 19/02/2021. Disponível em: <<https://www.oitomeia.com.br/colunas/charge-do-izanio/2020/04/13/covid-19-teresina-pi/>>

Aziz ilustra o mal auxílio, bem auxílio. (13/02/21). Acesso em: 28/02/2021. Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/charges/2954-aziz->>

Cazo ilustra Dose, duas doses, dúvidas, jacaré, vacina. (26/01/2021). Acesso em: 28/02/2021. Disponível em: <<https://www.humorpolitico.com.br/?s=d%C3%BAvidas>>

Fontes digitais

BOLSONARO, Jair Messias. “Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso”. Acesso em: 25/04/2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>>.

Brasil registra 2.545 mortes por Covid em 24 horas e ultrapassa 428 mil. Acesso em: 12/05/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/12/brasil-registra-2545-mortes-por-covid-em-24-horas-e-ultrapassa-428-mil.ghtml>>.

Ministério da Saúde. Brasil confirma primeiro caso de doença. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-casode%20novocoronavirus>>. Acesso em 25/04/2021.

Secretaria de Estado da Saúde. Painel epidemiológico Covid-19 Piauí. Acesso em: 12/05/2021. Disponível em: <<https://datastudio.google.com/reporting/a6dc07e9-4161-4b5a-9f2a-6f9be486e8f9/page/2itOB>>

Artigo submetido em: 30/04/2021

Aceito em: 30/06/2021